

TBR, Marcelo Iorio, GLO, Casa Chacra, SER, Jovana Figueiredo

## GUGA CHACRA

Figueiredo, Jovana X. Figueiredo, Jovana Figueiredo

## Guerra de Israel no Sul do Líbano

Costumo visitar sempre o Sul do Líbano quando vou a Beirute. Alguns libaneses, porém, me questionam sobre o que farei na região, visto que sou perigosa, com tantas ameaças em outras partes mais seguras do país. Para eles, é como um estrangeiro ir a uma área controlada por milícias no Rio de Janeiro em vez de ir a Ipanema. Jornalistas precisam de uma autorização

do Exército libanês para ir a essa área. Recordo-me também de pedir permissão do Hezbollah, caso vá realizar reportagens. Como turista, não há essa necessidade. A autorização do Hezbollah costuma ser concedida no escritório de imprensa do grupo, localizada em Dahieh, o subúrbio a sul de Beirute. Os fixers, como são chamados os profissionais que auxiliam o trabalho de jornalistas estrangeiros, sabem onde fica. Munido dessas duas autorizações, basta seguir em direção ao mistic Sul do Líbano, ou Jannat Libnan, como se diz no dialeto levantino derivado do árabe. Quando o Líbano foi formado no mandato francês, o coração do país seria o Monte Líbano, como são chamadas as montanhas a sudoeste de Beirute e no Norte do país, de população majoritariamente cristã maronita. Mas o território foi ampliado para incorporar também as cidades levaníticas de Lítoral como Beirute, Sidon e Trípoli, de maioria cristã greco-ortodoxa e maronita sunita, além de minorias judaica e armênia; o multirreligioso Vale do Beqa, importante por ser a área mais fértil da região; e o Sul, de população predominantemente xiita, que se

estendia até a fronteira dos mandatos francês e britânico, onde seria criado o Estado de Israel. Por décadas, o Sul foi ignorado pelas elites cristãs e sunitas que dominavam o poder em Beirute. A partir dessa região, grupos palestinos formados por refugiados começaram a combater Israel. No início dos anos 1980, as forças israelenses invadiram o Líbano e chegaram inclusive a ocupar Beirute em 1982. Depois, recuaram e se concentraram no Sul. Na época, não existia o Hezbollah. O grupo surgiu por três motivos: a marginalização dos xiitas na sociedade libanesa (algo que também deu origem à Amal, outro grupo xiita); a Revolução Islâmica do Irã, com um regime que decidiu formar uma milícia entre os xiitas libaneses; e a ocupação israelense em uma aliança com grupos nacionalistas cristãos. Foram cerca de 20 anos de combate até Israel sair em 2000. A retirada israelense, não negociada com o Líbano, foi vista como uma vitória do Hezbollah. Com a ausência por décadas do Estado libanês na região, o grupo xiita formou quase um Estado paralelo no Sul. As bandeiras amarelas do grupo são mais comuns do que o cedro do Líbano nessa região. Houve outra guerra em 2006 entre Israel e Hezbollah, mas o cenário persistiu o mesmo. Hoje, o Hezbollah tem mais poder do que o Exército do Líbano, e, mais uma vez, há combates abertos entre a organização e Israel na fronteira. O temerário atentado terrorista de Hamas e a eclosão da guerra em Gaza é que o conflito se expanda para outras áreas dos territórios israelenses e libaneses, como Tel Aviv e Beirute, em uma guerra de proporções gigantescas. EUA, França e outros atores fazem o possível para evitar.

Vamos torcer para prevalecer a paz. Tive o privilégio de ver essa fronteira pelos dois lados e sinto como um dia poder atravessar de cam do Líbano a Israel numa viagem de Beirute a Tel Aviv, quem sabe indo depois visitar o Estado palestino na Cisjordânia e Gaza. Aliás, mais uma vez, é urgente um cessar-fogo em Gaza que automaticamente acalmaria a fronteira Israel-Líbano.

## ENTREVISTA

Annalena Baerbock  
MINISTRA DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA ALEMANHA

Para chefe da diplomacia alemã, garantia da segurança de civis israelenses e palestinos é essencial para solução do conflito no Oriente Médio

KATHLEN BARBOSA kbarbosa@globo.com.br

## 'HOLOCAUSTO É INCOMPARÁVEL A QUALQUER COISA'



Entre as autoridades que vieram ao Rio para a reunião do G20 está a ministra das Relações Exteriores da Alemanha, Annalena Baerbock. Em meio a uma crise diplomática entre Brasil e Israel por causa da comparação feita pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva entre a ofensiva israelense em Gaza e o extermínio de judeus na Segunda Guerra, a chefe da diplomacia alemã, em entrevista à GloboNews e ao GLOBO, comentou a declaração do brasileiro e ressaltou que o Holocausto "não pode ser comparado a nada". Apesar de negar a viabilidade da comparação, Baerbock ponderou que os conflitos podem ser percebidos de formas diferentes ao redor do mundo e defendeu a importância de garantir a segurança de civis israelenses e palestinos.

## O que a senhora espera discutir durante o G20?

Estou muito feliz de estar aqui. É importante para nós apoiar a presidência brasileira do G20 em seu projeto mais importante no âmbito da presidência: o combate à pobreza em todo o mundo, a luta por mais justiça e, acima de tudo, a luta contra a crise climática. E temos trabalhado em estreita colaboração entre Alemanha e o Brasil, especialmente no último ano, no que diz respeito à proteção climática, também em preparação para a próxima conferência climática.

## Como a senhora avalia a declaração do presidente Lula comparando os ataques israelenses na Faixa de Gaza com o Holocausto?

O Holocausto é incomparável a qualquer coisa. Seis mil

líbicos de judeus foram mortos pelo meu país, por fascistas na Alemanha que deliberadamente queriam acabar com a vida humana, a vida judaica, não apenas na Alemanha, mas em toda a Europa. Já estive no Oriente Médio cinco vezes desde 7 de outubro, quando o Hamas atacou brutalmente mulheres e crianças em Israel. Ainda há alemães no cativeiro do Hamas, um bebê de 1 ano, uma criança de 4 anos e, ao mesmo tempo, a estratégia desses terroristas é abusar das pessoas em Gaza como escudos humanos, e vemos que, infelizmente, esse roteiro está funcionando. É por isso o meu apelo urgente de quando estive em Israel na semana passada, para que o governo israelense lute contra os terroristas e não contra a população. Precisamos urgentemente de uma pausa humanitária que leve a um cessar-fogo sustentável, porque o sofrimento da população de Gaza é insuportável. Do meu ponto de vista, somente isso nos permitirá finalmente criar a paz para ambos, e é importante que discutamos no G20 como podemos progredir.

## Esse tipo de comentário pode afetar a relação da Alemanha com o Brasil?

Para mim, é importante que você sempre se pergunte por que algumas pessoas encaram certos conflitos de forma diferente. Porque, é claro, o que está mais próximo de nós é o que sentimos e entendemos com mais naturalidade, como vimos com a guerra provocada pela Rússia, já que tenho amigos e parentes na Ucrânia. Se eu moro na Ucrânia, sou do Brasil, é a quilômetros de distância e, em alguns casos, você não sabe realmente onde fica a Ucrânia. Assim como meus filhos, eles não sabem exatamente onde ficam alguns países africanos e, por isso, é importante explicar o que aconte-



Reforma. A chefe da diplomacia alemã, Anna Baerbock, defende a remoção das instituições internacionais

teceu. Você só pode entender algumas coisas se tiver conversado com as pessoas.

## A União Europeia já concordou em impor novas sanções contra a Rússia após a morte de Alexei Navalny, inclusive com seu apoio. Após dois anos de guerra na Ucrânia, os russos estão ocupando novos territórios ucranianos. É suficiente isolar a Rússia apenas com sanções?

A maneira mais fácil de finalmente alcançar a paz, e esse tem sido meu esforço há dois anos, seria Putin retirar suas tropas da Ucrânia. Sem nenhuma razão, ele enviou o seu Exército para um país livre e soberano. A melhor solução seria ele retirar suas tropas do Leste da Ucrânia, onde pessoas foram torturadas em

portos e onde o Comitê Internacional da Cruz Vermelha ainda não tem permissão para ir. Esses missões brutais estão ameaçando atacar escolas e hospitais na capital, Kiev. Esse apelo é um apelo de todos os países do mundo, porque todos os países do mundo estão sofrendo os efeitos dessa guerra brutal de agressão. Os preços dos alimentos subiram vertiginosamente. Podemos ver que os custos de energia subiram, e é por isso que o maior desejo de todos nós é a paz. Infelizmente, Putin não está preparado nem para falar sobre isso. Ele respondeu a todas as ofertas de conversas e a todas as negociações com força brutal, e é por isso que é tão importante para nós apoiar a Ucrânia a se defender. Aqui no Rio, é preciso que todos os 19

Estados ao redor da mesa deixem claro o que também foi deixado no ano passado, no G20, que o mundo precisa de paz. Putin deve finalmente acabar com essa guerra brutal. É também o interesse do povo da Rússia, como vemos com [o opositor encarcerado] Alexei Navalny, porque também estão sofrendo com essa guerra — eles estão sendo presos, sequestrados e assassinados.

## A guerra na Ucrânia ameaça a Europa?

As pessoas em meu país acordaram em um mundo diferente há dois anos. Minha geração, meus filhos, sempre tiveram muita sorte de ter uma vida em paz, assim como na América Latina. Essa era a nossa normalidade, e o ataque

à Ucrânia também foi um ataque à ordem de paz europeia. Isso significa que as pessoas do meu país estão com muito medo porque se Putin ataca a Ucrânia, um país livre, pessoas inocentes não sabem o que isso significaria para elas. É por isso que é tão importante para nós que Putin não vença essa guerra na Ucrânia, porque ele deixou isso claro várias vezes em público: a Ucrânia é apenas o começo. Na minha opinião, não podemos nos desesperar nestes tempos. Sim, na Europa temos grandes preocupações, porque nossa paz está muito ameaçada. Ao mesmo tempo, avaliemos o que podemos alcançar se trabalharmos juntos, como no ano passado na COP28 em Dubai e, esperamos, no próximo ano em Belém. É realmente sensacional ter mais tempo e energia para isso como uma comunidade internacional, e é também por isso que precisamos acabar com as guerras no mundo: para que possamos finalmente trabalhar a todo vapor nos projetos que unem todos nós para tornar o mundo um lugar mais seguro.

## A senhora já disse que países da África e da América Latina estão mal representados em organismos internacionais. Quais ações a senhora propõe para promover uma reforma na governança global? A senhora é a favor de que o Brasil tenha um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU?

Infelizmente, as instituições internacionais refletem o mundo do século passado, o que é profundamente injusto. Especialmente nas grandes instituições financeiras, como o Banco Mundial e o FMI, a maioria dos Estados não está representada. Como resultado, sempre temos uma alteração entre a Europa e os americanos nas presidências, o que é injusto. Nós, como alemães e enquanto UE, queremos mudar isso, também no Conselho de Segurança. Trabalhamos em conjunto com o Brasil e também com a África do Sul. Também estamos trabalhando com a Índia e com outros países para deixar claro que o Conselho de Segurança da ONU não reflete mais o mundo de hoje e que é fundamental avançar nesse sentido. Temos um pequeno sucesso no ano passado no G20, e eu, pessoalmente, fiz uma grande campanha para isso dentro da UE. A União Africana finalmente tem um assento permanente na mesa do G20 e isso agora deve se expandir nas instituições financeiras, mas também na ONU em Nova York.